HISTÓRIA

Editora lança biografia do coronel Fawcett

Escrita por Hermes Leal, livro reconta trajetória do militar no País à procura da cidade do ouro

CARLOS HAAG



Hermes Leal: pesquisas em documentos inéditos sobre passagem do coronel no País

Se, hoje, o Brasil é uma mina de ouro metafórica para os estrangeiros, houve um tempo — quando Deus ainda salvava um rei na Inglaterra — em que eles vinham para cá à procura do Eldorado real. Tempos, aliás, nos quais o governo brasileiro usava dinheiro público para que exploradores achassem civilizações perdidas. A história da vida e da morte misteriosa do maior desses aventureiros está contada, pela primeira vez, em *Coronel Fawcett* (Geração Editorial, 312 páginas, R$ 24,00), de Hermes Leal, biografia do inspirador de Indiana Jones.

Fruto de quatro anos de pesquisas, nas quais Leal achou documentos inéditos sobre a passagem do coronel inglês Percy Harrison Fawcett pelo Brasil, o livro conta a trajetória do militar, desde o início de sua carreira, na Índia, até sua morte, em 1925, nas mãos dos índios calapalos, no Xingu. E ganhou o aval do sertanista Orlando Villas Bôas (*veja texto abaixo*), que teria encontrado, em 1951, a ossada de Fawcett, cuja morte criou um mistério digno do estranho personagem.

"Muitas pessoas morreram, tentando desvendar o desaparecimento dele, mas não havia um relato completo da história louca e esquecida dessa figura que veio ao País para encontrar uma cidade perdida de ouro", explica Leal. Nascido em 1867, o coronel trabalhou na Índia e no antigo Ceilão (hoje, Sri Lanka), onde teve contato com seitas esotéricas que acreditavam na existência de cidades desaparecidas no centro do Brasil.

Ele já estivera por aqui, de passagem, entre 1905 e 1906, demarcando a fronteira entre o Brasil e a Bolívia. Após uma participação honrosa na 1ª Guerra, Fawcett decidiu voltar a fim de resgatar os restos de uma Atlântida perdida. Apesar dos protestos do Marechal Rondon, que não via com bons olhos o súdito de sua majestade, o poder de Londres falou mais alto e os presidentes Epitácio Pessoa e Arthur Bernardes o deixaram se aventurar no Xingu.

"A intervenção inglesa, forçando a entrada de Fawcett, revoltou a imprensa e o governo brasileiro foi o primeiro país a admitir que, talvez, a Atlântida estivesse em solo nacional, até mesmo financiando o coronel para que achasse a civilização perdida", afirma Leal. Se o explorador era um esotérico idealista ou mais um daqueles ingleses com sede de dinheiro, isso não é importante para o escritor. "Era uma figura complexa, uma espécie de Aguirre, que, antes do barulho do ouro, via o brilho da cidade mística."

Arrogante e destemido, Fawcett recusou um avião para a penosa viagem, alegando que, desse modo, não teria graça. "Ele não tinha medo ou noção de perigo e enfrentava até os índios." O excesso de confiança não impediu que os calapalos o matassem a bordoadas. "Durante todo o tempo de sua expedição, ele, esperto, fez muito alarde pelos jornais, deixando o mundo preparado para a sua descoberta e, quando parou de dar notícias, produziu um grande barulho no Exterior", conta Leal. A ponto de o venerando jornal *The Times* oferecer 15 mil libras de recompensa por qualquer informação do paradeiro do explorador. Em sua busca, outros desapareceram e o mistério cresceu, na mesma medida em que herdeiros e a imprensa lucravam com a curiosidade geral.

HISTÓRIA MISTERIOSA É CONTADA PELA PRIMEIRA VEZ

Era uma mina de ouro, só que de boatos. Também aproveitada pelo rei das notícias, Assis Chateaubriand, responsável, nos anos 50, por uma "febre do coronel". Causando um imenso mal-estar diplomático, Chatô chegou a transmutar um índio albino em filho do inglês. O grande achado, porém, ocorreria, por acaso, durante a expedição dos irmãos Villas Bôas, que acharam os supostos ossos do sumido. Mas seriam mesmo os despojos do coronel? "Deixo a resposta para o Orlando dar, porque não quis resolver o enigma ou buscar a recompensa, mas acrescentar uma página a mais sobre a sua vida", esclarece o biógrafo.

Os ossos, guardados no Museu de Antropologia da USP, aguardam o reconhecimento por meio do teste de DNA, impossibilitado diante da recusa da neta do coronel em ceder uma amostra de sangue. Para aumentar o mistério, em junho deste ano, Leal e outros exploradores tentaram revisitar os caminhos do explorador e acabaram assaltados pelos calapalos, os mesmos índios que teriam dado cabo do coronel. Fawcett, afinal, conseguiu revelar um Eldorado: sua própria vida.

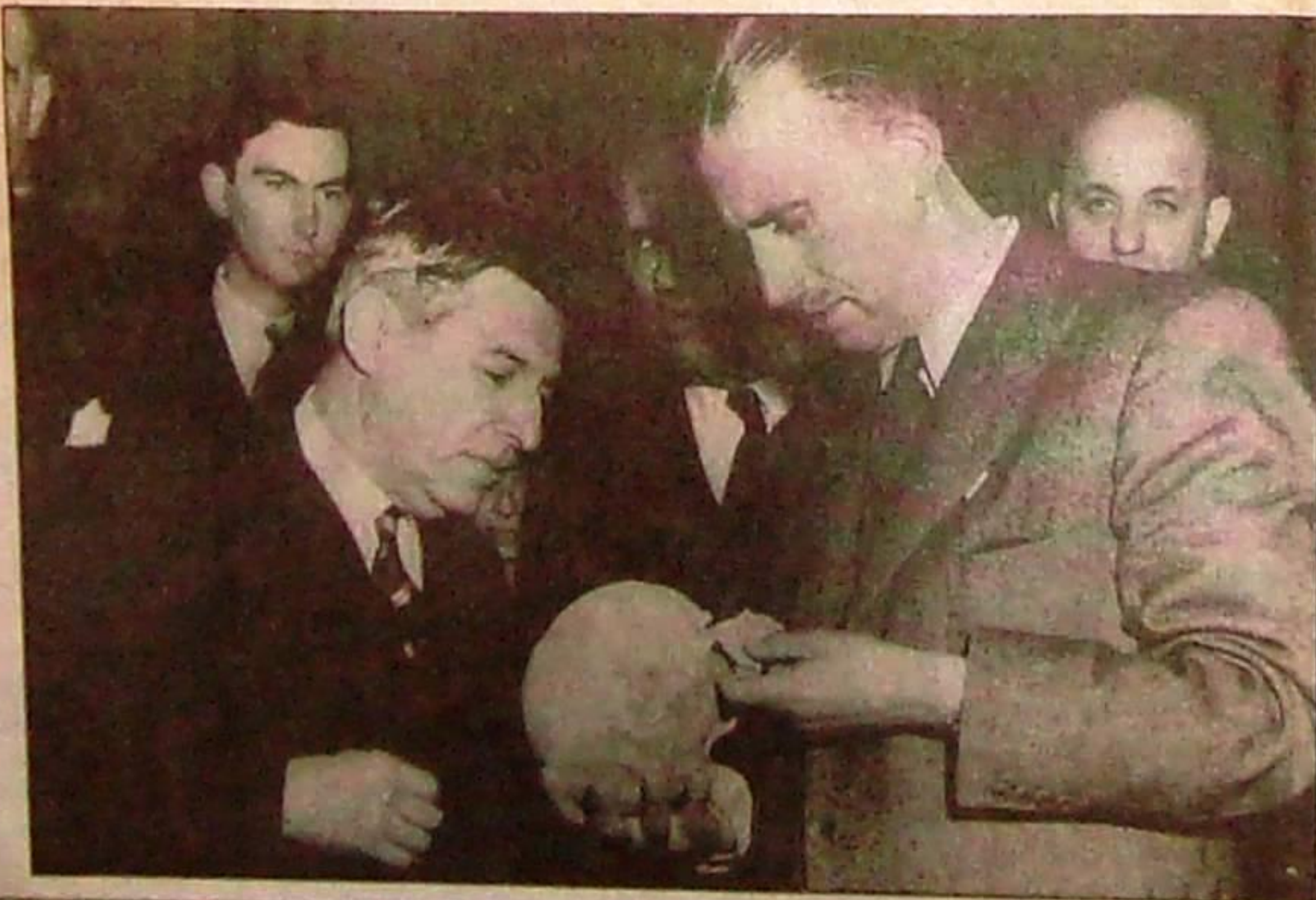
Epitácio Pessoa/AE — 16/1/96



Orlando Villas Bôas, que localizou ossada de Fawcett, em 1951: dando seu aval à história



Coronel Fawcett, que acreditava na existência de cidades desaparecidas no centro do Brasil e morreu nas mãos dos índios calapalos, no Xingu: Indiana Jones à moda antiga



Chateaubriand e Brian Fawcett, filho do coronel, examinam possível ossada do explorador: o jornalista brasileiro alimentou boatos



Orlando Villas Bôas entre os índios: "Achar o Fawcett foi um acidente de percurso e não uma coisa premeditada"

Villas Bôas descobre sumiço do militar inglês em expedição

Índios contaram que coronel foi morto por ser muito arrogante e gostar de assustar crianças

ORLANDO VILLAS BÔAS

Especial

Por 18 anos, os ossos do coronel Fawcett estiveram no meu porão, onde minhas crianças brincaram um bocado com eles. Isso até o dia em que minha mulher deu um ultimato: ou os ossos, ou eu. É claro que eu fiquei com ela e mandei os ossos para o Museu da USP. Mas já estou intoxicado dessa história, especialmente por terem me ac[illegible]do de querer a tal [illegible]compensa de 15 mil libras. Ela nunca me interessou e achamos os ossos por acaso, durante a nossa expedição Roncador—Xingu, e só sabíamos do coronel por causa dos artigos do jornalista Edmar Morel, que nos deram a pista de que entráramos na área onde ele havia desaparecido em busca da cidade perdida e do ouro.

Os índios daquele lugar são bravos e, quando, finalmente, fizemos contacto com os calapalos, nem pensamos em falar do Fawcett com eles. Aos poucos é que, com a confiança do convívio, eles foram falando de um [illegible] de [illegible]guelese que estivera por lá. Minguelese é porque o coronel, muito arrogante, gostava de passear pela aldeia batendo no peito e gritando: me, english (eu, inglês). Os índios, então, me contaram a história deles e eu acredito, porque eles não são de mistificar essas coisas e só contam o que realmente viram.

O filho e o amigo do filho de Fawcett estavam muito doentes e queriam voltar para Cuiabá, mas o velho, durão, não aceitou e até parou de falar com eles. Mas era um sujeito muito irascível e neurastênico para tratar os índios. Entrou na aldeia prometendo uma porção de presentes, usou os índios e não lhes deu nada. Ele também gostava de assustar as crianças, tirando a dentadura e batendo uma contra a outra. E, nessa coisa, acabou batendo em dois indiozinhos. Os pais, irritados, resolveram acabar com ele.

Não precisaram pedir permissão para o resto da tribo, porque os índios são muito independentes e quando querem fazer uma coisa, fazem. Depois de contarem essa história, perguntei onde estavam os ossos e eles disseram: "Embaixo de você, aí na árvore." Desenterramos e, quando a imprensa soube, vieram em bando para cá, para fotografar. O Chateaubriand levou os ossos para Londres e eles ficaram indo e voltando até que eu resolvi levar para minha casa.

FILHO NÃO SE INTERESSOU POR MISTÉRIO

Mas achar o Fawcett foi um acidente de percurso e não uma coisa premeditada, como muitos por aí gostam de falar, dizendo que a gente só queria pegar a recompensa. O coronel serviu mesmo para muitos ganhar dinheiro, como o filho dele, o Brian, que esteve aqui no Brasil na época. Eles me levaram para falar com ele e ficamos oito dias tomando uísque — eu debutando e ele, um veterano —, no hotel. Quando eu falei dos ossos do pai, ele se virou e disse: "Eu não duvido que sejam, mas você acha que eu vou trocar todo o mistério único que envolve meu pai por meia dúzia de ossos?"

Eu, no lugar dele, acho que faria o mesmo. Há gente que duvida de que sejam mesmo os ossos dele, mas as coincidências são grandes. Um médico os examinou, na frente do Brian, e disse que o maxilar inferior sofrera uma fratura aos vinte e tantos anos. O filho do coronel riu naquele momento, porque o pai dele realmente quebrara o queixo num jogo aos 25 anos. Os ingleses falaram também que o tamanho não batia com o dele. Mas o problema é que Fawcett tinha o tronco maior que a perna e parecia mais alto quando estava sentado.

Porém, a única pessoa capaz de desvendar o caso é o dr. Daniel Muñoz, da USP, que está com os ossos. Por meio de um teste de DNA, será possível saber, de verdade, se são do coronel ou não. O problema é que a neta, primeiro, aceitou fazer o exame, mas, agora, a velha não quer mais ajudar. Mas sei que a história que os índios me contaram é verdadeira. Eles não inventam histórias: o índio já é uma história.

■ *Orlando Villas Bôas é sertanista e fez parte da expedição Roncador—Xingu*